

Fronteiras da pesquisa em (etno)musicologia: investigando a memória musical da Maré

Sinesio Jefferson Andrade Silva
Laboratório de Etnomusicologia/UFRJ
sinesiop10@yahoo.com.br

Resumo:

Esta comunicação tem por objetivo relatar uma experiência de pesquisa (etno)musicológica desenvolvida na Maré, bairro formado por um conjunto de favelas da cidade do Rio de Janeiro. Apesar de estar ainda na etapa de coleta e análise dos dados, é possível compartilhar algumas das trajetórias seguidas durante o processo de investigação. Assim, na seqüência, apresento algumas interrogações e circunstâncias que motivaram a pesquisa, faço menção às fronteiras disciplinares que experimento no intuito de encontrar respostas às minhas dúvidas, relato procedimentos que coloco em prática no campo e, por fim, faço uma discussão sobre possíveis rumos que o trabalho pode alcançar.

Palavras-chave: Maré, música, memória, história oral.

Esboçando limites

Apesar de ocupar no imaginário a condição de favela e de permanecer como área periférica da capital fluminense, desde 1994, a Maré está oficialmente caracterizada como bairro¹. Composta por 16 favelas, sua dimensão física e populacional supera muitos municípios brasileiros e, como tantas outras regiões do país, sofre com a inclusão precária no espaço urbano. Segundo dados do Censo Maré 2000, a região possui 132.176 habitantes abrigados em 38.273 domicílios. Conta com dez escolas públicas, rede de água e esgoto em boa parte de seu território, está próxima às principais vias da cidade (Av. Brasil, Linha Vermelha e Linha Amarela) possuindo uma oferta razoável de transporte urbano, além de oito postos de atendimento básico à saúde e uma Unidade de Pronto Atendimento 24h. Tomando esses dados como referência, pode-se afirmar que a Maré supera, do ponto de vista estrutural, muitos municípios do estado do Rio de Janeiro e mesmo de todo o Brasil. Assim, sem medo de errar, pode-se dizer que praticamente estamos falando de uma cidade dentro de outra. A título de curiosidade, se fosse um município independente do Rio de Janeiro teria direito a uma câmara de vereadores própria tendo no mínimo 9 e no máximo 21 representantes. (CEASM, 2003; SILVA, 2006; VIEIRA, 2006; SOUZA E SILVA, s.d.).

A Maré serve, então, de palco para experiências culturais e educacionais bem-sucedidas, seja com apoio governamental ou não-governamental. Simultaneamente, é bastante conhecida pelas violações praticadas por grupos de traficantes, fazendo com que apareça regularmente em páginas policiais. As comunidades que compõem o bairro refletem diferentes políticas habitacionais colocadas em prática pelo poder público, destacando-se as remoções e os famosos Centros de Habitação Provisória (CHPs) das décadas de 1960 e 1970. Do mesmo jeito, elas representam as estratégias de uma população pobre em busca de moradia, sem tempo para esperar as respostas governamentais.

¹ O Bairro Maré foi criado em 19 de janeiro de 1994 através da Lei municipal nº 2.119 de autoria do vereador José de Moraes C. Neto na XXX Região Administrativa do Rio de Janeiro e sancionada pelo então prefeito César Maia, entrando em vigor a partir de 24 de janeiro de 1994, momento de sua publicação em diário oficial. (Cf. SILVA, 2006).

Os primeiros registros de ocupação do que vem a ser o bairro Maré datam da década de 1940. Nas décadas seguintes, as ocupações aumentaram, ajudando na formação daquilo que hoje muitos consideram o seu núcleo inicial. Sua montagem contou com a participação de pessoas e famílias vindas de diferentes lugares da própria cidade (principalmente a partir da política de remoções disseminada pelo governo da Guanabara); do interior do próprio estado; de Minas Gerais; Espírito Santo e também de vários estados da região Nordeste. (CEASM, 2003; SILVA, 2006; VIEIRA, 1998, 2006).

Assim, a Maré constituiu-se quase como um laboratório de políticas habitacionais ao longo de sua existência. Nas décadas de 1960 e 1970, período de intensa migração, ela definitivamente consolidou-se e se expandiu, tanto do ponto de vista territorial quanto populacional. A consequência inevitável de tal circunstância foi a convivência voluntária, ou forçada, de inúmeras pessoas, histórias e repertórios sonoros.

Na condição de historiador, mais recentemente, estudante de musicologia, e, morador da Maré, entendo ser relevante buscar os vestígios dessa história local apontando os traços responsáveis por permitir, ampliar ou mesmo limitar a coexistência de indivíduos e repertórios. De maneira sintética, minhas preocupações alocam-se nos seguintes termos: qual papel a música desempenhou na construção de novas identidades e na alocação dos migrantes ao longo do espaço mareense na época de sua expansão territorial e populacional? O projeto de pesquisa que desenvolvo tenta, então, de maneira mais ampla, dar visibilidade às experiências – principalmente sonoras – ocorridas no espaço mareense. Dito isso, aponto nas próximas linhas alguns rumos tomados para a realização de tal empreitada.

Exercitando a interdisciplinaridade

Minha questão de pesquisa, evidentemente, não surgiu de uma hora para outra. Ela apareceu ao longo de minha participação no projeto “Samba e coexistência: um estudo etnomusicológico do samba carioca”. Desenvolvido pelo Laboratório de Etnomusicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LE/UFRJ) no período de 2003 a 2005, esse projeto teve entre seus méritos a construção de um grupo de pesquisas formado por estudantes de nível médio, graduação e pós-graduação, moradores e não moradores da Maré. Uma das intenções com a formação desse grupo de pesquisa foi elaborar um mapeamento das práticas musicais da Maré tomando o samba como um ponto de partida.

Iniciado em 2005, um novo projeto – chamado “Música, memória e sociabilidade na Maré” – deu continuidade a esse mapeamento, estudando as formas de coexistência e sociabilidade geradas por ou geradoras de práticas musicais na Maré, atentando, agora, também para o papel das memórias individuais e coletivas nesse processo. Ao invés de apenas documentar as práticas musicais mais contemporâneas, o grupo de pesquisa auto-intitulado Musicultura passou a tratar daquelas mais antigas também. Esse acréscimo tornou-se, então, mais uma variável significativa nas relações que vínhamos observando entre músicas e identidades sociais, entre o presente e o passado do bairro.

O contato com as idéias de Seeger (1987) levou-me a uma tentativa de generalização de sua hipótese e supor que a música tem (ou pelo menos teve) na Maré, tal qual para os Suyá, um papel estruturante. Em termos concretos: sugiro que na década de 1970, sobretudo, com a chegada dos migrantes, entre eles os nordestinos, um conjunto de práticas musicais não foram apenas reflexos das situações socioeconômicas objetivas. De outra forma, dada a situação, especulo que na construção de laços solidários, comunitários e de identidade, a música aparece não somente como resultado do encontro de indivíduos, mas também, como fundadora de relações entre moradores, compondo um eixo significativo na constituição das identidades locais, do sentido de pertencimento e do espaço físico e simbólico do bairro.

Fazer essas considerações, entretanto, não basta. O passo seguinte é esclarecer quais fontes e dados serão utilizados, quais procedimentos serão colocados em prática, como irei interpretá-los. Estou, portanto, de acordo com Tilton (1997) quando afirma que o atual momento da etnomusicologia está reservado à experimentação metodológica. Nesse sentido, na seqüência, lanço alguns fundamentos e possibilidades do uso da história oral numa investigação sobre as memórias das práticas musicais da Maré.

O desafio etnográfico a partir da história oral

De maneira resumida, podemos afirmar que a metodologia da história oral produz um conjunto de narrativas através de entrevistas. Ao fim de cada uma dessas, tem-se como resultado um relato específico, em geral, recheado de histórias, fruto daquele momento em que pesquisador e pesquisado interagiram numa conversa gravada.

As pessoas que trabalham com história oral sabem que um dos seus aspectos mais sedutores está no fato de se ter, ao final de cada entrevista, “a evidência de uma pessoa viva”. (PRINS, 1992, p. 163). Sabe-se, da mesma forma, que a história oral já não se presta exclusivamente à pesquisa histórica. Suas contribuições estão visíveis nos mais diversos campos do saber. Especificamente no aspecto etnomusicológico, defendo aqui que ela oferece condições à construção de uma etnografia partindo da exploração das memórias de moradores que são, entre outras coisas, músicos também.

Na experiência humana, os acontecimentos pretéritos nunca são recuperáveis no seu todo. As lembranças por via da memória – sejam individuais, sejam coletivas – nunca são completas. Lembrar – numa operação dialética e, quem sabe, também paradoxal – exige o seu oposto, requer o esquecimento. Em outras palavras, o esforço da memória em conceder sentido ao passado sempre nos trará o “*vivido conforme concebido por quem viveu*”. (ALBERTI, 2004, p. 16, grifo do autor).

Não resta dúvida que o caráter seletivo da memória exige precaução e apurada percepção dos elementos que a condicionam. Entretanto, o fato de trabalhar com vestígios extremamente seletivos não deve desmotivar o pesquisador. Seguindo o conselho de Ginzburg: “O fato de uma fonte não ser objetiva (mas nem mesmo um inventário é objetivo) não significa que seja inutilizável”. (GINZBURG, 2006, p.16). A subjetividade, característica de qualquer documento de história oral, ao invés de ser encarada como um fator limitador à identificação de sentido, antes deve ser assimilada como propulsora de novos significados, colaboradora na produção de novas interpretações. Assumindo essa recomendação, tem-se a possibilidade de tratar de acontecimentos passados e, inevitavelmente, da forma como esses mesmos são lembrados, permitindo, por sua vez, estudar objetivamente as pessoas e grupos envolvidos na investigação.

A recolha de depoimentos, porém, não encerra o trabalho do pesquisador envolvido com a metodologia da história oral. É imprescindível saber que as narrativas registradas ao fim de cada entrevista estarão sempre condicionadas, não apenas às lembranças do interlocutor, mas, também, ao tipo de entrevista feita junto a ele. Dentre as opções encontradas nos dois manuais consultados para esse trabalho, encontramos duas, a saber: história oral de vida e história oral temática. (ALBERTI, 1989; MEIHY, 2005). A opção feita aqui foi pela primeira, pois, acredito que as narrativas colhidas nesse tipo de entrevista poderão responder melhor às perguntas formuladas há pouco.

Então, partindo da metodologia da história oral, planejo suprir essa exigência etnográfica do campo etnomusicológico, tão defendida por Merriam (1964) e preservada por Seeger (1987), apesar da mudança de enfoque. Com ela, poderei travar contato com a memória de determinados personagens (produtores de uma fração da paisagem sonora mareense), descrevendo, em seguida, processos de produção e circulação musical ativos no passado recente da Maré. Evidentemente, está nítido que as narrativas oferecidas pelos interlocutores trarão suas respectivas versões, todavia, não devemos ignorá-las enquanto lembranças capazes de falar sobre os fatos pretéritos. Mais até, através dessas memórias, será possível verificar a forma pela qual esse passado é veiculado, o que apontará, muito provavelmente, para possíveis processos de elaboração identitária relacionados à música e à Maré. Será possível, portanto, investigar, a partir dessas narrativas, não só os acontecimentos dos quais elas tratam, mas, também, a maneira como os entrevistados as ordenam na confecção de sentido.

Referências Bibliográficas

- ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do Cpdoc. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- _____. O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. In: _____. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004. p. 13-31.
- CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ (CEASM). **A Maré em dados**: Censo 2000. Rio de Janeiro, 2003.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. SP: Cia das Letras, 2006.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5ª ed. SP: Loyola, 2005.
- MERRIAM, Alan. **The anthropology of music**. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

- PRINS, Gwyn. História oral. In: BURKER, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 163-198.
- SEEGER, Anthony. **Why Suyá sing: a musical anthropology of an Amazonian people**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- SILVA, Cláudia Rose Ribeiro da. **Maré: a invenção de um bairro**. 2006. 238 f. (Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais) - Centro De Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/cursos/bensculturais/teses/CPDOC2006ClaudiaRoseRibeirodaSilva.pdf>. Acesso em: 14 maio 2008.
- SOUZA E SILVA, Jailson de. A pluralidade de identidades no bairro Maré – Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.uff.br/geographia/rev_05/jailson5.pdf. Acesso em: 03 mar. 2008.
- TITON, Jeff Todd. Knowing fieldwork. In: BARZ, Gregory F.; COOLEY, Timothy J. **Shadows in the field: new perspectives for fieldwork in ethnomusicology**. Nova York: Oxford University Press, 1997. p. 87-100.
- VIEIRA, Antônio Carlos Pinto. **Histórico da Maré**. Rio de Janeiro, CEASM, 1998, mimeo.
- _____. Da memória ao museu: a experiência da favela da Maré. ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 12., 2006, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Anpuh, 2006. Disponível em: <http://www.rj.anpuh.org/Anais/2006/conferencias/Antonio%20Carlos%20Pinto%20Vieira.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2007.